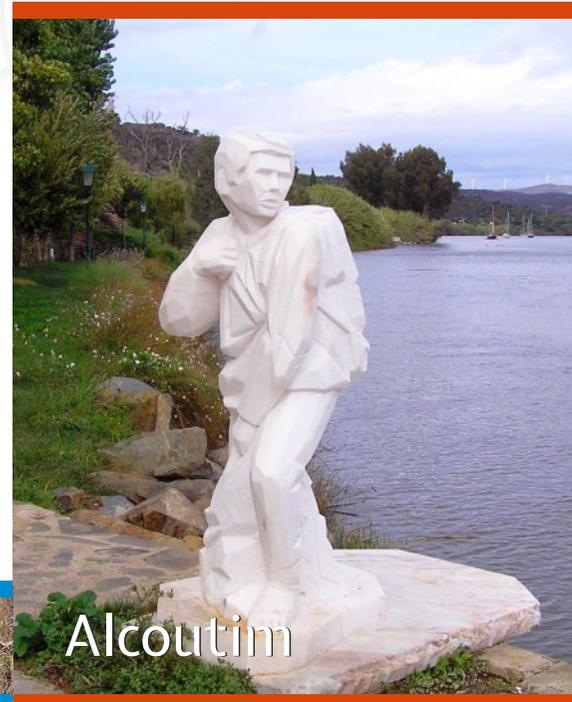


 Rota do
Contrabandista

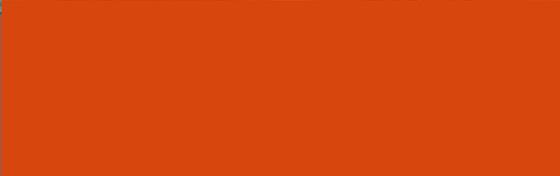
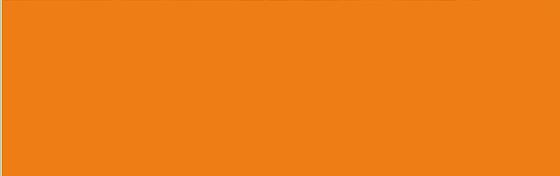
 Rota das
Árvores Monumentais

 Rota da
Geologia

 Rota da
Água



Alcoutim



Prefácio

Com o intuito de aumentar a atratividade da Via Algarviana (GR13) foram criados novos produtos e infraestruturas de forma a enriquecer esta grande Rota! Um desses produtos foi a criação de um conjunto de 4 Rotas temáticas distribuídas por 3 Municípios parceiros:

- Rota do Contrabandista (Alcoutim)
- Rota da Água (Loulé)
- Rota das Árvores Monumentais (Monchique)
- Rota da Geologia (Monchique)

As temáticas e os municípios em questão não foram escolhidos ao acaso, pois estão em plena sintonia! Esta é uma forma de aumentar a diversidade da Via Algarviana, permitindo que pessoas com interesses muito específicos ou apenas simples curiosos se desloquem a estes municípios e percorram os percursos que propomos, alguns a pé, outros de BTT ou até mesmo de carro. Para cada Rota há um Guia Digital, que poderá ser descarregado gratuitamente, e com ele percorrer cada Rota Temática e ficar a saber muito mais!

Atreva-se a descobrir as ofertas complementares que temos para si!
Aproveite tudo o que o Algarve Interior tem ao seu dispor!

Sinalética



- Cor/Elemento simbólico
- Logótipo/Nome da Rota
- Logótipo da Via Algarviana





Fig.1 - Contrabandista e guarda-fiscal. Painel de azulejos instalado à entrada de Alcoutim.

INTRODUÇÃO

Embora as actividades de contrabando entre Portugal e Espanha estivessem, à partida, mais facilitadas nas zonas de “raia seca”, a pobreza e a falta de outras oportunidades, levou, desde tempos imemoriais, os habitantes de Alcoutim a dedicar-se também ao comércio de mercadorias, ilegal face às leis vigentes. “O contrabando fazia-se por toda a margem do rio, onde terminavam os caminhos dos almoceves serranos”¹, mas a travessia da fronteira tinha aqui de ser feita de barco ou simplesmente a nado. Para contrariar essa prática, o Estado fez construir, desde finais do séc. XIX, uma rede apertada de postos de vigilância da Guarda Fiscal que se estendia ao longo de toda a margem direita do Rio Guadiana e que possuía correspondência na margem oposta através de postos da Guardia Civil.

Seria de esperar que as dificuldades e os riscos inerentes à prática do contrabando numa zona vigiada em permanência, tivessem resultado num sem número de episódios mais ou menos graves, ao longo dos tempos. As coisas, no entanto, passavam-se de outro modo, pelo menos no que respeita ao lado de cá da fronteira. Numa terra em que toda a gente se conhecia, não é para admirar que guardas e contrabandistas convivessem lado a lado, por vezes no seio de uma mesma família. Aliás, dizia-se que até às seis horas da tarde era frequente confraternizarem nas tabernas à volta de um copo ou de um petisco. Depois dessa hora despediam-se e diziam: “a partir de agora cada um para o seu posto e vamos ao trabalho!”².

Este “entendimento diplomático” entre homens que prosseguiam objectivos contrários, inspirou esta Rota, onde são desenvolvidos alguns aspectos referentes ao contrabando em Alcoutim mas também à presença da Guarda Fiscal (GF) no mesmo território. Complementarmente, são propostos dois pequenos percursos pedestres, que permitem explorar e evocar ambas as actividades.

1. CONTRABANDO

O contrabando na fronteira entre Portugal e Espanha terá iniciado no séc. XIII, após a demarcação mais ou menos definitiva da fronteira entre os dois países. A partir do séc. XV e durante o séc. XVI, Alcoutim viu passar grupos de escravos africanos que, dos portos do Algarve, eram levados por traficantes espanhóis para o outro lado da fronteira sem pagarem os impostos devidos. No séc. XVI, contrabandeava-se sobretudo gado, actividade que continuou até perto dos nossos dias. Mas com a pobreza a crescer em ambas as margens do Guadiana, o contrabandista passou a transportar tudo o que pudesse acrescentar algo mais ao magro sustento que retirava do amanho da terra.

Durante uma noite bem sucedida, podia-se ganhar o equivalente a dois meses de trabalho no campo. Mas devido à dureza e ao perigo subjacente, a opção de andar no contrabando era sazonal ou mesmo pontual. Muitos contrabandistas tinham outras ocupações, nomeadamente na agricultura, na pastorícia ou nas minas e também era humanamente impossível aguentar noites e noites a fio com sacos tão pesados às costas. Eram sobretudo jovens, na casa dos vinte anos, mas houve quem fizesse do contrabando profissão até uma idade avançada.

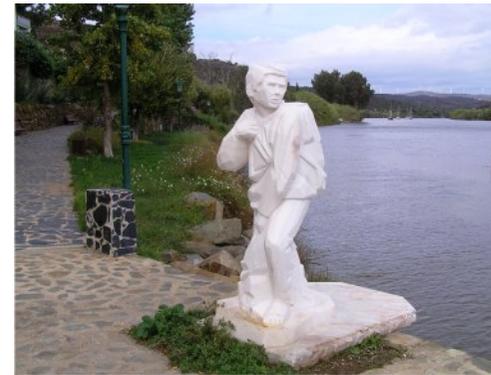


Fig.2 - Estátua de um contrabandista no Cais Velho de Alcoutim.

Se antes o contrabando era uma empreitada solitária ou familiar, com a instalação, no séc. XIX, dos postos da GF ao longo do rio e o apertar da vigilância, a actividade passou a ter uma estrutura mais apurada. Surgiram então as “quadrilhas”, grupos organizados de homens contratados por fornecedores portugueses e espanhóis. Os comerciantes, locais ou de zonas mais distantes, contratavam o líder da quadrilha (“caminheiro”) que

arregimentava um grupo mais ou menos alargado de transportadores (“freteiros”), os quais acabavam por entregar a mercadoria a compradores igualmente comprometidos nesta rede. Os homens só tomavam conhecimento da hora e ponto de carregamento da carga, dos pontos de reencontro caso tivessem de se separar e do destino da viagem, pouco tempo antes de saírem, para evitar uma participação antecipada à guarda-fiscal por parte de algum colega denunciante (“ameseiro” ou “ameneseiro”). Os caminheiros eram os que arriscavam mais, pois iam à frente para encontrar caminho e observar os movimentos das patrulhas, mas também eram os que mais ganhavam, por vezes mais de 700 escudos por carga, o valor do salário mensal de um guarda. Muitos acabaram por se tornar, eles próprios, comerciantes. Os freteiros ganhavam cerca de 20 escudos por carga e por noite⁹.

No caminho até ao rio, os contrabandistas evitavam obviamente os locais onde se situavam os postos da guarda-fiscal, o que não era fácil pois, nalguns casos estes distavam apenas pouco mais de um quilómetro uns dos outros. A situação em Espanha era diferente, pois os postos da Guardia Civil eram mais espaçados (Cañaveral, Puerto de la Laja, Sanlúcar, Cumbres de San Blas, Puerto Carbón, Marcia Redonda) mas organizavam patrulhas frequentes ao longo do rio. Escolhiam noites bem escuras ou de tempestade e nunca trilhavam os mesmos caminhos o que, na época, era relativamente mais viável, pois os montes encontravam-se limpos, menos cobertos de mato. Mais perto do Guadiana, optavam pelos barrancos que os levavam directamente à beira-rio e onde podiam mais facilmente passar despercebidos.

A carga era geralmente transportada às costas, em sacos que pesavam 30 quilos, por vezes até 50 quilos, agarrados por cordas ou tirantes. Se a viagem durava mais de uma noite, ao amanhecer os homens escondiam a carga entre o mato e iam aguardar o pôr-do-sol para as cumeadas próximas, para estarem de atalaia aos movimentos dos guardas. Caso fossem surpreendidos por uma patrulha, a regra era largarem a carga ao primeiro tiro de aviso e fugirem cada um para seu lado, pois sabiam que mais do que a trabalhadeira de fazer alguém preso, o que os guardas verdadeiramente apreciavam era apreender a mercadoria, o que lhes trazia proveito certo, pois raramente deixavam de ficar com uma parte. Curiosamente, os bens apreendidos eram muitas vezes arrematados em hasta pública aos mesmos comerciantes que trabalhavam com o contrabando¹¹.

Também havia casos de guardas, portugueses e espanhóis, que eram previamente aliciados a deixar passar uma carga ou a informar por onde iriam passar as patru-



lhas num determinado dia. Em Espanha, o preço do “serviço” era de uma peseta por quilo, em Portugal chegava-se a pagar até quatro escudos por quilo de mercadoria¹⁰.

A passagem do rio era feita de barco, com a cumplicidade de algum pescador, ou a nado. Neste caso, a mercadoria era metida dentro de um saco previamente impermeabilizado com óleo de linhaça, e atado com uma corda forte. O saco, por vezes com mais de cem quilos, era amarrado a uma bóia, cesto ou jangada tosca, de modo a poder flutuar. Dois ou três homens deitavam-se então à água e nadavam até à margem contrária puxando pela corda¹⁰.

O contrabando organizado sempre teve produtos preferenciais que foram variando ao longo dos tempos. O auge desta actividade ocorreu entre os anos 30 e 60, muito em particular durante a Guerra Civil espanhola (1936-1939). De Portugal saía café, açúcar, ovos, arroz, sabão, farinha, pão, figos, lã e tabaco, cujo destino eram localidades próximas, como El Granado ou Villanueva de los Castillejos, ou muito mais distantes como Valverde del Camiño ou Huelva. De Espanha vinha sobretudo bombazina (tecido então não fabricado no nosso país), sabonetes, perfumes, roupa fina, alfaias, conhaque e miolo de amêndoa, que eram entregues a comerciantes locais (Alcoutim, Giões, Martinlongo) ou a intermediários⁸.

Ao contrário do que se possa pensar, o contrabando não era uma ocupação só para homens. Muitas mulheres deitaram pernas ao caminho e, por vezes, conseguiam, com o seu encanto, passar pelos próprios guardas que fechavam os olhos, quem sabe na esperança de obter algo mais. Ficaram na memória as mulheres andaluzas que vinham regularmente até terras de Mértola e Alcoutim com tecidos e retrosaria amarrados à cintura e que regressavam “mais gordas”, com quilos de café em grão nos seios ou na barriga. Ou mesmo as moças de Alcoutim que no regresso das festas de Sanlucar sempre traziam sob a roupa alguma coisa de valor. Quando levantavam suspeitas aos guardas, tinham de ser revistadas no quartel por empregadas da Alfândega, conhecidas por “apalpageiras”².

2. GUARDA FISCAL

Logo após a assinatura em 1297 do Tratado de Alcanizes, que definiu as fronteiras entre Portugal e Espanha, surgiu a necessidade de controlar o comércio entre as duas nações ibéricas. Foram então criados os “alcaldes das sacas”, os primeiros agentes fiscais do rei encarregues de impedir trocas comerciais fraudulentas nas fronteiras do reino. A Alfândega de Alcoutim já existia no séc. XV, com os seus meirinhos e guardas. Mas o primeiro corpo militar especializado só surgiu em 1801, altura em que foi criada a Guarda Real, que incluía soldados destinados a vigiar “descaminhos e contrabandos”. Em 1862, foi instituído o Corpo de Guardas das Alfândegas dos Portos Secos, o qual deu origem à GF, fundada em 1885.

Com a entrada de Portugal na União Europeia e a implementação em 1992 do Acordo de Livre Circulação de Pessoas e Bens, a fronteira terrestre perdeu a importância que vinha tendo desde há séculos. Em 1993 a GF foi extinta e integrada na Brigada Fiscal da GNR.

A partir da sua instalação em Alcoutim, os jovens alcoutinenses começaram a ver na GF uma actividade atraente, pois podiam assim fugir ao trabalho árduo e pouco rendoso da vida do campo, garantindo um magro mas seguro rendimento de soldado e obtendo mais tarde a almejada reforma¹.

Mas nunca foi fácil a vida dos “picachouriços”, alcunha dos membros da GF que se deve à sonda que utilizavam, um ferro estreito e pontiagudo, que estes introduziam na mercadoria a granel para verificar se havia algum produto de contrabando camuflado³. As condições de trabalho nos postos, sobretudo os mais afastados das povoações, eram com frequência muito precárias, devido à pouca qualidade das habitações, ao isolamento e à dificuldade de acesso.



Fig.3 - Antigo quartel da Guarda Fiscal de Alcoutim e pormenor da estátua de um guarda

Durante a Guerra Civil espanhola e o período de emigração ilegal antes de 1974 os conflitos de consciência surgiram com frequência na mente destes homens que muitas vezes fecharam os olhos ou ajudaram mesmo activamente quem queria atravessar a raia por motivos políticos ou simplesmente à procura de uma vida melhor.

Quanto ao contrabando, e ao contrário do que sucedia com os seus colegas “carabineros” do lado de lá da fronteira, as acções da GF raramente tinham consequências demasiado nefastas, tudo se resolvendo com uns tiros para o ar e a debandada dos contrabandistas que deixavam para trás a carga. Uma das regras, obviamente não inscrita em nenhum regulamento mas que era nalguns casos transmitida ao guarda recentemente recrutado, era de que “aquí, nunca se atira a matar por causa do contrabando, não há mercadoria nenhuma que valha a vida de uma pessoa”⁴.

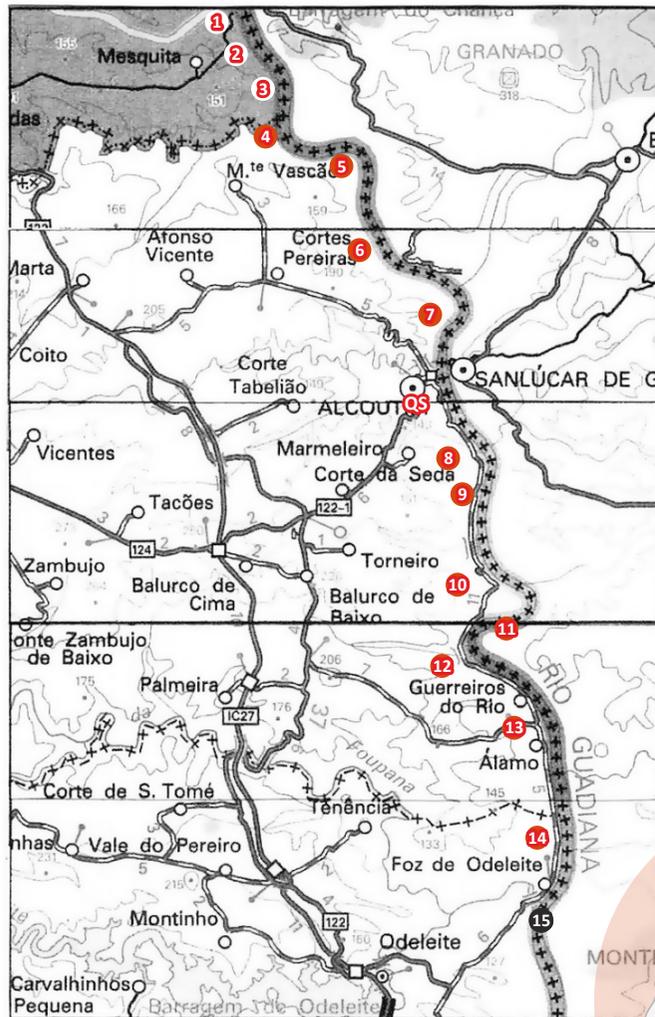
Mas, como em tudo, houve excepções, sobretudo durante a Guerra Civil espanhola, altura em que muitos fugitivos políticos republicanos foram apanhados pelos guardas e entregues, com medo de represálias vindas de cima, aos carabineros em Sanlucar, onde chegavam a ser logo fuzilados. Os casos de morte de contrabandistas eram quase sempre protagonizados por guardas vindos de fora, desenraizados e contrariados, por vezes até a cumprir algum castigo disciplinar. Um caso bem conhecido em Moreanas (Mértola) é o de um guarda, natural da serra algarvia que, quando estava com os copos, afirmava que tinha de matar algum contrabandista “para ir daqui embora”, o que acabou mesmo por fazer⁸.

Talvez porque o “inimigo” nesta guerra era quase sempre gente muito pobre e desesperada que apenas queria dar de comer à família, existe um sentimento generalizado de “vergonha encoberta” por parte dos antigos guardas, frequentemente disfarçado por detrás de orgulho corporativo e pela desculpa de “estarem apenas a cumprir o seu dever”. Isso explica a escassez de testemunhos obtidos desse lado da “barricada” em muitos trabalhos sobre o contrabando e o desaparecimento, segundo se diz, por ordem superior, de grande parte dos registos da antiga GF.

A Vila de Alcoutim foi sede de uma Secção, dependente da Companhia sedeada em Vila Real de Santo António e do Batalhão nº 2 com comando em Évora. Teve a seu cargo 15 postos de controlo espalhados ao longo do rio, incluindo alguns localizados nos concelhos limítrofes de Mértola e Castro Marim, como consta no mapa 1. No princípio dos anos 70, a grande maioria dos postos estava ainda activa mas, pouco a pouco, começaram a ser extintos e os edifícios postos à venda¹.

O concelho de Alcoutim contou com doze postos da

guarda fiscal, incluindo o quartel principal localizado na vila. Cada posto integrava três a quatro guardas, chefados por um cabo.



Mapa 1 - Postos da Guarda Fiscal da região de Alcoutim

Legendas:

- QS Quartel de Alcoutim
- 1 Palanqueira (Mértola)
- 2 Canavial (Mértola)
- 3 Barranco do Álamo (Mértola)
- 4 Vascão (Alcoutim)
- 5 Enxoval (Alcoutim)
- 6 Premedeiros (Alcoutim)
- 7 Lourinhã (Alcoutim)
- 8 Alcaçarinho (Alcoutim)
- 9 Abrigo Segundo (Alcoutim)
- 10 Grandacinha (Alcoutim)
- 11 Pontal (Alcoutim)
- 12 Montinho das Laranjeiras (Alcoutim)
- 13 Guerreiros do Rio (Alcoutim)
- 14 Barranco das Pereiras (Alcoutim)
- 15 Foz de Odeleite (C. Marim)

2.1 - Vascão

(Altitude: 35 m. Coordenadas: 37°31'27.71" N; 7°30'48.64" W)

Construído pelo Ministério da Fazenda em 1890 1. Situa-se num local sobranceiro ao Guadiana e à foz do Rio Vascão.

Abandonados e muitos degradados já nos anos 80, os dois edifícios deste posto começaram, em inícios do séc. XXI, a ser recuperados no âmbito de uma iniciativa privada de turismo rural.

O acesso faz-se a partir da povoação de Cortes Pereiras na EM 507. Uns 400 metros a poente, vira-se para o CM 1054, alcatroado, que segue para norte alcançando-se, após 2,5 km, o Monte Vascão. A partir daqui o caminho, com 2,0 km de extensão é de terra batida e, por vezes, em mau estado. Do largo central do Monte Vascão, segue-se para uma rua à direita que prossegue por um caminho que vai curvando para norte. Cerca de 200 metros após algumas casas, chega-se a um cruzamento de quatro caminhos. Segue-se pelo da direita que passa depois junto a uma pequena barragem e vai acompanhando um barranco até subir para as imediações do posto.

2.2 - Enxoval

(Altitude: 30 m. Coordenadas: 37°31'18.97" N; 7°29'40.70" W)

Situa-se num local fronteiro à povoação de Puerto de la Laja, grande porto mineiro do Baixo Guadiana espanhol. O edifício encontra-se hoje transformado em moradia particular.

O acesso faz-se a partir da povoação de Cortes Pereiras na EM 507. Uns 400 metros a poente vira-se para o CM 1054, alcatroado, que segue para norte. Após percorrer 1 km surge um caminho largo de terra batida à direita, por onde se segue sempre em frente na direcção NE durante cerca de 2 km, passando abaixo e a poente do vértice geodésico do Enxoval. Logo a seguir, num cruzamento, ignora-se o caminho à direita e segue-se pelo caminho à esquerda que após percorrer mais 1,3 km na mesma direcção NE, atinge novo cruzamento. Tomando o caminho da esquerda, em breve se chega aos arredores do antigo posto.

A 120 metros deste posto, para montante do rio, foram identificados os vestígios de uma vila e porto romanos 5, onde eram escoados o cobre e outros metais extraídos das minas da região.

2.3 - Premedeiros

(Altitude: 25 m. Coordenadas: 37°30'06.25" N; 7°29'18.90" W)

Construído pelo Ministério da Fazenda em 1890 1. Situa-se numa pequena elevação, bem perto do rio. O edifício encontra-se hoje integrado em moradia particular.

O acesso faz-se a partir da povoação de Cortes Pereiras na EM 507. Entrando na povoação, percorrem-se as ruas que atravessam quatro dos seus núcleos principais (Monte Longo, Casa da Amêndoa, Monte de Baixo, Monte de Cima). Ao chegar à parte norte do Monte de Cima, vira-se à direita para uma estrada alcatroada que passa junto às ruínas da Casa da Mina e segue depois na direcção nascente. Após 2,5 km atinge-se a beira rio no lugar dos Premedeiros.

O minério das minas de cobre e antimónio de Cortes Pereiras era aqui embarcado ainda em finais do séc. XIX. Depois, o pequeno ancoradouro foi utilizado por barcos de marujos de Vila Real de Santo António que aqui vinham trocar peixe por produtos da terra.

2.4 - Lourinhã

(Altitude: 70 m. Coordenadas: 37°29'12.11" N; 7°28'08.45" W)

Construído pelo Ministério da Fazenda em 1890 1. Situa-se na extremidade oriental de um serro que domina o largo meandro do rio logo a montante de Alcoutim. O edifício encontra-se abandonado e em ruínas.

O acesso faz-se a partir da zona norte de Alcoutim, na margem esquerda da Ribeira de Cadavais. Após a Pousada da Juventude, uma estrada larga de terra batida segue sempre à beira do rio por uns 600 metros a qual coincide com o troço inicial da GR 13 (Via Algarviana). A estrada inflecte depois um pouco para o interior para ultrapassar um pequeno barranco. Sobe-se então por um caminho à esquerda, por vezes estreito e muito declivoso que, percorridos cerca de 700 metros, chega frente ao posto. Este último caminho é aconselhado apenas a viaturas todo-o-terreno.

Em alternativa, este posto pode ser visitado no decorrer de um pequeno Percurso Pedestre.

2.5 - Alcoutim

(Altitude: 15 m. Coordenadas: 37°28'14.66" N; 7°28'15.97" W)



O quartel da Secção de Alcoutim da GF foi instalado num edifício já existente em meados do séc. XVI e que documentos do séc. XVIII referem como sendo as Casas do Juiz da Alfândega. No séc. XX, o edifício da Alfândega passou também a albergar a guarda florestal que desde 1883 ocupava outras primitivas instalações nos baixos do edifício dos Paços do Concelho. Situado frente ao rio, no cimo da Av. Duarte Pacheco, o edifício possui uma arquitectura militar, simples e funcional, encontrando-se em bom estado de conservação. A partir de 1999 foi aqui instalada a Repartição de Finanças do concelho.

2.6 - Alcaçarinho

(Altitude: 40 m. Coordenadas: 37°27'30.19" N; 7°27'56.12" W)

Situa-se numa encosta fronteira ao rio, 1,7 km para sul de Alcoutim e à beira da EM 507. O edifício encontra-se recuperado e transformado em moradia particular.

O acesso faz-se a partir da estrada, subindo por uma pequena rampa empedrada.

2.7 - Abrigo Segundo

(Altitude: 25 m. Coordenadas: 37°26'54.12" N; 7°27'35.67" W)

Construído pelo Ministério da Fazenda em 1890. Situa-se numa encosta fronteira ao rio, 3 km para sul de Alcoutim e junto da EM 507. O edifício encontra-se recuperado e transformado em moradia particular.

O acesso faz-se a partir da estrada, subindo por uma pequena rampa empedrada.

2.8 - Grandacinha

(Altitude: 35 m. Coordenadas: 37°25'49.64" N; 7°27'43.32" W)

Construído pelo Ministério da Fazenda em 1890. Situa-se numa encosta sobranceira à foz do Barranco do Vinagre e fronteira ao rio, 5 km para sul de Alcoutim e à beira da EM 507. O edifício encontra-se abandonado.

O acesso faz-se a partir da estrada, subindo por um caminho de pé posto com cerca de 100 metros de extensão.

2.9 - Pontal

(Altitude: 35 m. Coordenadas: 37°25'02.91" N; 7°27'04.08" W)

Situa-se na vertente meridional de um pequeno serro que domina o grande meandro do Pontal, o mais pronunciado do Baixo Guadiana. O edifício encontra-se abandonado e em ruínas.

O acesso faz-se a partir do Miradouro na EM 507, situado 6,3 km a sul de Alcoutim. Aqui segue-se em frente por uma estrada de terra batida que, ao longo de 800 metros, vai ladeando o meandro pelas alturas e desce depois a encosta até perto das margens do rio. Uns 350 metros mais adiante, na borda de um pequeno barranco coberto de olival, toma-se um trilho não transitável por veículos, inicialmente pouco visível na várzea mas que depois trepa a direito pelo serro até chegar junto do posto.

Em alternativa, este posto pode ser visitado no decorrer de um pequeno Percurso Pedestre.

2.10 - Montinho das Laranjeiras

(Altitude: 35 m. Coordenadas: 37°24'24.62" N; 7°27'51.35" W)

Situa-se na encosta a norte e um pouco acima da povoação de Montinho das Laranjeiras. O edifício encontra-se abandonado e em ruínas.

O acesso faz-se a partir da EM 507, pela rua que constitui a entrada norte da povoação. No cimo, em frente das primeiras casas, abre-se um caminho de terra batida à direita que, logo depois, passa abaixo do posto. Para lá chegar, tem ainda de se subir uns 30 metros por um trilho meio abandonado.

2.11 - Guerreiros do Rio

(Altitude: 40 m. Coordenadas: 37°23'50.10" N; 7°26'55.27" W)

Situa-se na encosta a noroeste e um pouco acima do Hotel de Guerreiros do Rio. O edifício encontra-se abandonado.

O acesso faz-se a partir da rua que sobe para o hotel, ladeando a parte norte deste último por um trilho entre matos.

Este posto foi dos últimos a ser extinto.

2.12 - Barranco das Pereiras

(Altitude: 15 m. Coordenadas: 37°22'33.55" N; 7°26'26.45" W)

Construído pelo Ministério da Fazenda em 1890. Situa-se numa encosta fronteira ao rio, mesmo junto à EM 507,

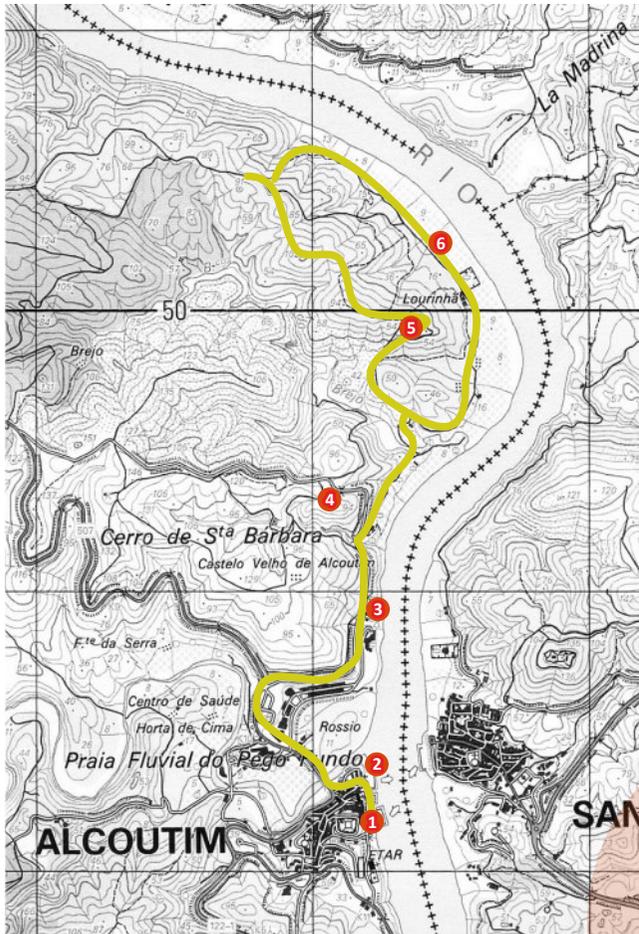
cerca de 1,5 km a sul da povoação do Álamo. O edifício encontra-se abandonado e em ruínas.

O acesso faz-se a partir da EM 507, subindo a encosta por um trilho que nasce junto ao pequeno barranco situado a sul do posto.



3. PERCURSOS PEDESTRES

3.1 PERCURSO PEDESTRE DA LOURINHÃ

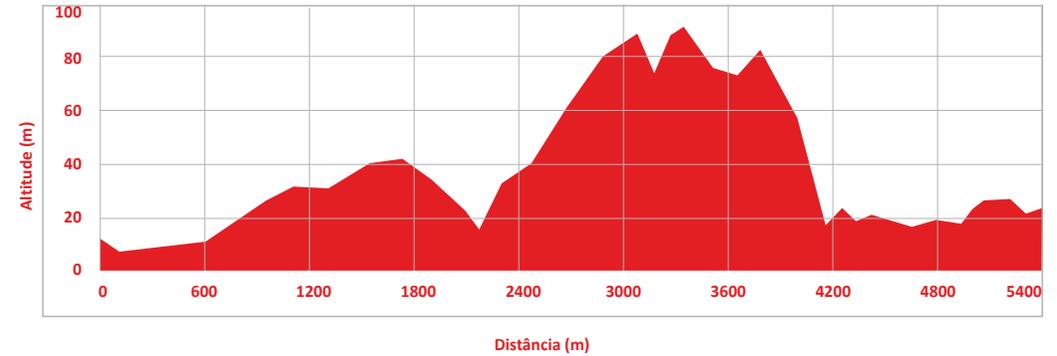


Legendas:

- 1 Antigo quartel da GF
- 2 Estátua do contrabandista
- 3 Estalagem da Juventude
- 4 Castelo Velho
- 5 Posto da GF da Lourinhã
- 6 Várzeas da Lourinhã



Perfil Topográfico PP LOURINHÃ



- **Tipologia:** Parte inicial linear e posteriormente circular
- **Extensão:** 5,5 Km
- **Total de desnível em subida/descida:** 175 m/ 164 m
- **Dificuldade:** Média/Baixa
- **Duração:** 2h 30
- **Modalidades:** Pedestre e BTT

Descrição

O percurso inicia-se na vila de Alcoutim junto ao cais de embarque e segue pela EM 507 até ao Centro de Saúde. Posteriormente segue pela direita, ainda em estrada de alcatrão até à Pousada da Juventude. De seguida entra numa estrada de terra batida, quase sempre paralela ao rio Guadiana. Esta parte inicial do trajecto coincide com a GR 13 (Via Algarviana).

Ultrapassado o Barranco do Brejo, abandona-se a GR 13 e segue-se pela esquerda, através de uma subida declivosa que dá acesso ao posto da guarda fiscal da Lourinhã. Ao longo da subida, belas panorâmicas sobre o rio e o Castelo de San Marcos, sobranceiro a Sanlucar.



Fig. 4 - Antigo posto da Guarda Fiscal do Lourinhã

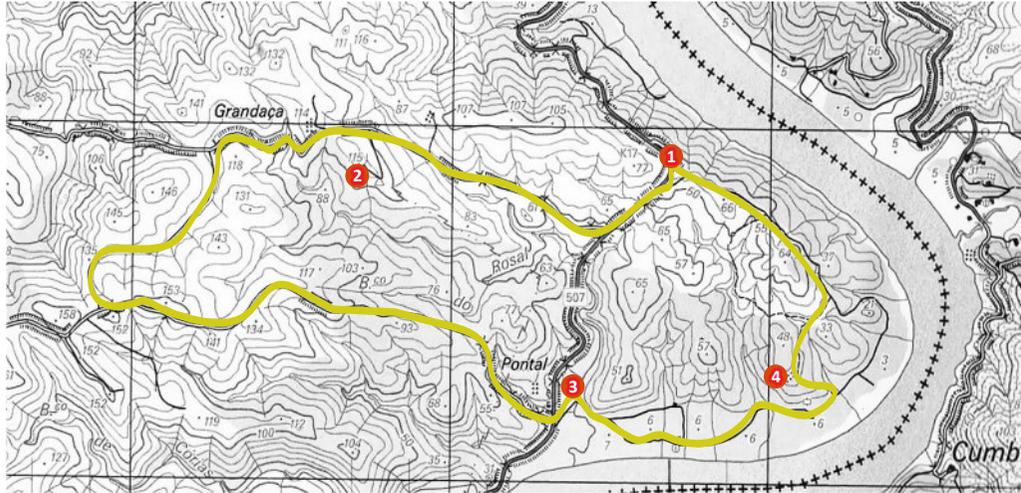
Do posto, continua-se a subir deixando para trás o rio e entrando numa paisagem típica de serra. Após várias outras subidas e descidas, o percurso encontra-se novamente com a Via Algarviana, mas apenas durante cerca de cem metros. Desce-se à direita pela vertente de um pequeno barranco até atingir as várzeas do Guadiana. O caminho faz-se agora por entre hortas e oliveiras de grande porte. Um pouco mais adiante entra-se mais uma vez na GR13, a qual se acompanha de regresso a Alcoutim.



Fig. 5 - Paisagem do percurso pedestre da Lourinhã



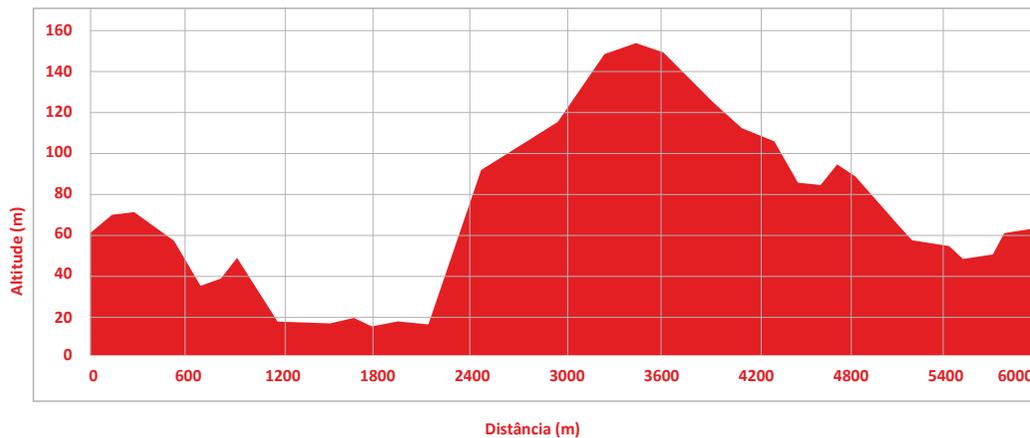
3.2 PERCURSO PEDESTRE DO PONTAL



Legendas:

- 1 Miradouro
- 2 Antena
- 3 Barranco do Rosal (vau)
- 4 Posto da GF do Pontal
- Percurso pedestre

Perfil Topográfico PP PONTAL



- **Tipologia:** Circular
- **Extensão:** 6,0 Km
- **Total de desnível em subida/descida:** 193 m/182 m
- **Dificuldade:** Média
- **Duração:** 3 horas
- **Modalidades:** Pedestre e BTT

Descrição:

Este percurso inicia-se no Miradouro do Pontal (entre Alcoutim e Guerreiros do Rio) à beira da EM 507, coincidindo, em parte, com a PR 2 – “Ladeiras do Pontal”. Caminha-se com o Guadiana à nossa esquerda, por entre matos e azinheiras. Pouco depois de começar a descer, abandona-se a PR 2 que segue para baixo e entra-se à direita para um trilho largo que pouco a pouco se vai estreitando, até atingir o posto da guarda fiscal do Pontal.



Fig. 6 - Antigo posto da Guarda Fiscal do Pontal

Aqui, encontra-se um caminho mais largo que desce na direcção de um pequeno barranco coberto de oliveiras. Logo abaixo retoma-se novamente a PR 2. O trajecto continua por uma estrada de terra batida, já bem perto do rio, ladeada de hortas e pomares, mas onde predomina o olival, um dos mais produtivos de todo o concelho. Por fim, atravessa-se a vau o Barranco do Rosal e sobe-se ligeiramente até alcançar novamente a EM 507. Atravessada esta, logo em frente se depara com um estradão de terra batida que logo inicia uma subida bastante íngreme, sempre acompanhando a PR 2. A encosta, coberta de estevas, vai proporcionando magníficas vistas sobre o Guadiana. Já bem lá em cima, abandona-se a PR 2 e vira-se à direita para um caminho florestal. A partir deste ponto a paisagem altera-se, dando lugar a um vasto pinhal. Desce-se então ao longo de um barranco por entre

pinheiros, até atingir outro troço da PR 2, virando à direita para baixo. Perto do monte abandonado da Grandança, pode-se observar um velho poço alimentado por uma nascente. Continuando a descer, atinge-se novamente a EM 507. Acompanha-se esta por cerca de 200 metros, tomando depois um desvio à direita que ruma direito ao miradouro do Pontal, ponto inicial do percurso.



NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Varzeano, J. (1985). Alcoutim, Capital do Nordeste Algarvio (Subsídios para uma Monografia). C.M. Alcoutim.
2. Felício, A. (2010). Da origem das Festas de Alcoutim aos “seios” de grãos de café! Alcoutim Livre (<http://alcoutimlivre.blogspot.pt>).
3. Picachouriços (<http://picachouricosgf.blogspot.com>).
4. Duarte, C. (2012). A guarda esquecida. Itinerante, 6: 28-32.
5. Losada, R. (2011). Villa e Porto Romano de Enxoval (Alcoutim). Portugal Romano (www.portugalromano.com).
6. Anon. Descobrir a paisagem e o modo de vida em Cortes Pereiras.
7. Varzeano, J. (2012). Guerreiros do Rio, o lugar do simbolismo da defesa fronteiriça. Alcoutim Livre (<http://alcoutimlivre.blogspot.pt>).
8. Maçarico, L.F. (2005). Memórias do contrabando em Santana de Cambas, um contributo para o seu estudo. Junta de Freguesia de Santana de Cambas.
9. Bernardo, A. (1996). As noites na raia. Prova de Aptidão Profissional do Curso Técnico de Turismo Ambiental e Rural da Escola Profissional Bentode Jesus Caraça (Mértola).
10. Teixeira, M. et al. (2010). Alcoutim, terra de fronteira. Câmara Municipal de Alcoutim.
11. Carneiro I.S. et al. (2005). Guião da curta-metragem Contrabando no Baixo Guadiana. Produções Audiovisuais / Associação Odiana.



Promotor: Almargem
Morada: Rua de São Domingos, 65 Apartado, 251 8100, Loulé
Telefone: +351 289 412 959 | **fax:** +351 289 414 104
e-mail: almargem@mail.telepac.pt
Site: <http://www.almargem.org/>



Inserido no projecto: Via algarviana
Telefone : +351 289 412 959 | **fax:** +351 289 414 104
e-mail: viaalgarviana@viaalgarviana.org
Site: <http://www.viaalgarviana.org/>

Ficha Técnica

Edição e propriedade:
Almargem – Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve
Apartado 251, 8100-756 Loulé
www.almargem.org
almargem@mail.telepac.pt

Fotografia:
João Santos

Base cartográfica:
Instituto Geográfico do Exército

Conceção gráfica:
Ideias Frescas

O Guia digital e ficheiros das coordenados de GPS dos percursos estão disponíveis nas páginas:
www.almargem.org
www.cm-alcoutim.pt
www.turismoalgarve.pt
www.viaalgarviana.org

Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico - convertido pelo Lince.

CO-FINANCIAMENTO:



UNIÃO EUROPEIA
FEDER

PARCEIROS:



Morada: Rua do Município, 12 - 8970-066 Alcoutim
Telefone: 281 540 500 / Fax: 281 546 363
Email: geral@cm-alcoutim.pt
Site: <http://www.cm-alcoutim.pt/>



Morada: Av. 5 de Outubro, 18, 8000 – 076 Faro
Telefone: 289 800 400 / Fax: 289 800 489
Email: turismoalgarve@turismoalgarve.pt
Site: <http://www.turismoalgarve.pt> / <http://www.visitalgarve.pt>

